

ALTERNATIVAS PARA GERAÇÃO DE EMPREGO E
RENDA EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
SUSTENTÁVEL: ESTUDO DE CASO DO BAIRRO
VARGEM GRANDE, SUBDISTRITO DE
PARELHEIROS, REGIÃO METROPOLITANA DO
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO*

*Jacob Carlos Lima***
*Cecília Pontes Rodrigues****

Resumo: O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa “alternativas para geração de emprego e renda em desenvolvimento regional sustentável: estudo de caso junto ao bairro Vargem Grande, subdistrito de Parelheiros, região metropolitana do Município de São Paulo”. Procurou-se fazer: recuperação histórica da ocupação do bairro e formas de organização da população local e caracterização das atividades dos pequenos empreendedores locais e iniciativas de geração de trabalho e renda. Na pesquisa de campo foi efetuado um levantamento de dados dos empreendimentos instalados por meio da aplicação de oitenta questionários com vinte e sete questões abertas e fechadas, contendo informações sobre: perfil dos empreendedores; organização do empreendimento; mão de obra empregada; uso de tecnologias de informação/comunicação; equipamento e instalações; foram realizadas entrevistas com as lideranças de organizações locais com o objetivo de reconstituir a história da ocupação e as ações atuais junto à comunidade. Os resultados indicaram que: os empreendimentos surgidos a partir da ocupação do local em 1988 em Vargem Grande apresentam um conjunto de características comuns, apesar de sua diversidade. Observa-se que a precariedade das formas de organização dos empreendimentos dos setores se manifesta na predominância dos grupos informais como forma de organização, nas dimensões reduzidas dos empreendimentos e no tipo de infraestrutura: instalações provisórias com ocupação de locais cedidos por terceiros.

Palavras-chave: Economia regional sustentável. Bairros de periferia da Região Metropolitana de São Paulo. Desenvolvimento urbano.

Alternatives for the generation of employment and income with sustainable regional development: case study of the Vargem Grande neighborhood subdistrict of Parelheiros, Metropolitan Region of São Paulo

Abstract: This paper presents the results from the research “alternatives for employment and income generation on regional sustainable development: a case study of Vargem Grande, a neighborhood in Parelheiros, a subdistrict of São Paulo”. The aim was the recovery of the historical neighborhood’s occupation, and of the local population organization’s types, as well as the characterization of the small local business, work

* Este estudo foi desenvolvido com apoio do sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região

** Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

*** CERU/USP – Centro de Pesquisa 28 de Agosto

and income generation initiatives. In the field research, a data gathering from the local business was made by 80 surveys of 27 open and closed questions about: business men profiles, business organization, employed work force, the use of information/communication technology, facilities and equipment, interviews with the leaderships from the local organizations with the purpose of recovering the occupation history and the present actions with the community. The results indicated that the business, that began with the local occupation in 1988 in Vargem Grande, present a group of common characteristics, in spite of their diversity. It was observed that the precariousness of the organizational forms is manifested in the predominance of informal groups of organization, in the reduced business dimensions and in the kind of infrastructure: provisory facilities with occupation of premises granted by third parties.

Keywords: Regional sustainable development. Neighborhoods of the Metropolitan Area of São Paulo. Urban development.

INTRODUÇÃO

O Ministério do Trabalho e Emprego define como economia solidária um conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizados sob a forma associação e autogestão dos empreendimentos. Estes seriam caracterizados pela cooperação, a existência de interesses comuns entre os participantes, junção de esforços, capacidades e qualificações dos integrantes, a propriedade coletiva dos bens e a partilha de seus resultados.

O caráter associativo é predominante em formas diversas, seja em empresas cooperativas, associações comunitárias de produção, comercialização e consumo, clube de trocas etc. A autogestão constitui-se em elemento estruturantes, com a participação de todos nas atividades, na direção e coordenação das ações etc. Objetiva organizar empreendimentos com viabilidade econômica, incorporando critérios de eficácia e efetividade respeitando aspectos culturais, ambientais e sociais das comunidades envolvidas.

A solidariedade está presente na distribuição equitativa dos resultados, na possibilidade de melhora de vida dos participantes e nos compromissos com o meio ambiente, nas relações com movimentos sociais e populares, na preocupação e respeito ao bem estar e aos direitos dos trabalhadores e consumidores. Em outras palavras, a economia solidária pressupõe uma nova lógica de desenvolvimento social integrado e sustentável, com geração de trabalho e renda considerando o ser humano como a finalidade da atividade econômica.

Com base no exposto, a seguinte questão orientou a pesquisa: Como estimular a geração de emprego e renda em comunidades da periferia da cidade de São Paulo que resultem na criação de formas de organização que permitam a geração de condições de trabalho estáveis e níveis de renda

compatíveis com uma política de inclusão social e desenvolvimento regional sustentável?

Assim, dadas as características históricas de ocupação do bairro de Vargem Grande, marcada pela mobilização dos moradores, pretendeu-se verificar em que medida isso se reflete em formas organizativas locais. Como objetivo da pesquisa, propôs-se: estudar as alternativas de desenvolvimento regional sustentável e geração de emprego e renda em Vargem Grande, Região Metropolitana de São Paulo. Os objetivos específicos foram: recuperar a história da ocupação e estudar do ponto de vista social e econômico o bairro de Vargem Grande; caracterizar o perfil e as atividades dos pequenos empreendedores locais e iniciativas de geração de trabalho e renda.

SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO SUBDISTRITO PARELHEIROS

Localizado no extremo sul da cidade de São Paulo, a cerca de 50 km da Avenida Paulista, o subdistrito de Parelheiros tem 350 km² e corresponde a quase 25% do total da área de toda a capital. Essa área se destaca pelo grande número de nascentes e por sua importância para o abastecimento de São Paulo, pois, segundo a prefeitura, a região é responsável por 30% do abastecimento de água da capital. Vale mencionar que muitas ruas não são pavimentadas, o que gera muitos transtornos para a população, e muitas das vias públicas não podem ser impermeabilizadas por estarem em região de mananciais.

A região viu sua população crescer em cerca de 80% durante os anos 90 e atualmente sua população é estimada em 136 mil pessoas, segundo a fundação SEADE, vivendo 60% dela na zona rural. Comparando com as outras subprefeituras, Parelheiros é, em média, cerca de dez vezes maior, o que justifica uma confortável densidade demográfica de 448 habitantes por km², número bem inferior à média das grandes capitais brasileiras (Prefeitura de Parelheiros).

Tabela 1
Dados Censitários

Subprefeitura	Distritos	Área (km ²)	População (1996)	População (2000)	População (2008)	Densidade demográfica (hab./km ²)
Parelheiros	Marsilac	208.26	7,238	8,38	9,775	46.94
	Parelheiros	152.34	78,188	102,274	138,464	908.91
	TOTAL	360.6	85,426	110,654	148,239	477,93

Fonte: Prefeitura de Parelheiros

Apesar de ser uma região muito rica em recursos naturais, é uma área de preservação, assim sendo a exploração de atividades industriais e imobiliárias fica restrita. Destaca-se a APA (Área de Preservação Ambiental) Capivari-Monos como principal organização de preservação do meio ambiente, que inclui os bairros de Barragem, Cidade Nova América, Vargem Grande, Engenheiro Marsilac, Jardim dos Eucaliptos, Gramado, Ponte Seca, Ponte Alta, Embura do Alto e Evangelista de Souza (Prefeitura de Parelheiros).

Segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Dieese, a região foi responsável por apenas 0,15% do total de empregos de São Paulo em 2006. Desses, 2.349 empregados trabalham no setor de serviços, o que corresponde a 40% do total da subprefeitura. É plausível afirmar, com base no destaque dado ao ecoturismo pela administração regional, que boa parte desses empregados do setor de serviços trabalha com turismo ecológico. Em segundo lugar, com 24% dos empregos, está a construção civil, fato que pode estar ligado ao aumento no número de condomínios. Logo depois vem o comércio, que emprega 20% do total. Vale destacar que a agricultura emprega quase 3% do total de trabalhadores do setor em São Paulo.

Tabela 2
Estabelecimentos e empregados por setor de atividade
em 2006- Parelheiros

Setor	Número de Estabelecimentos	Número de Empregados	Em % do total do Distrito	Empregados no Município	Em % do total do Município
Indústria	254	747	12,86	552.814	0,14
Construção Civil	130	1.421	24,46	170.495	0,83
Comércio	1.187	1.185	20,4	676.110	0,18
Serviços	1.028	2.349	40,43	2.504.570	0,09
Agricultura	13	108	1,86	3.637	2,97
Total	2.612	5.810	100	3.907.626	0,15

Fonte: Dieese – MTE – Relação Anual de Informações Sociais

Do total de empregados 65% são do sexo masculino e metade deles (somando homens e mulheres) tem de 30 a 49 anos e 20% deles têm de 16 a 24 anos. Quase 40% dos trabalhadores não têm o ensino fundamental completo, porém 27% têm ensino fundamental completo e 6% têm ensino superior completo. O perfil do trabalhador é, na sua maioria, composto por pessoas acima de 25 anos com ensino fundamental incompleto; presume-se que a maior parte dos postos de trabalho não exige grande qualificação técnica. Mais da metade da força de trabalho ganha entre um e dois salários mínimos e apenas 23% ganham entre dois e três. Quase 75% dos trabalhadores não chegam a ganhar quatro salários mínimos; pela renda do trabalho na região pode-se supor que há alta concentração de renda.

Parelheiros, apesar de estar localizado na principal megalópole brasileira, tem características de zona rural, o que se justifica pelos empregos gerados por setor, pela escolaridade dos empregados e por seus salários. Porém a região tem grande potencial para explorar o ecoturismo e gerar renda para a população. Ademais os condomínios que seguem a legislação geram novos postos de trabalho pelo aquecimento do setor de construção civil em nível nacional.

RECUPERAÇÃO HISTÓRICA DO CONDOMÍNIO HABITACIONAL VARGEM GRANDE

O Condomínio Habitacional Vargem Grande, hoje com aproximadamente 40 mil habitantes, está inserido no subdistrito de Parelheiros. Trata-se de um loteamento clandestino ocupado no final da década de 80 e localizado na área compreendida pela Cratera da Colônia. Nesse local foi descoberta a queda de um meteorito em 1961 com base em fotos aéreas. A cratera está localizada entre os distritos de Parelheiros e Engenheiro Marsilac, extremo sul da capital paulista, a 50 quilômetros do centro. Tem 3.640 metros de diâmetro e uma profundidade de 900 metros sendo circundada por um anel externo de 125 metros. Devido a sua importância científica, paisagística e ambiental, a área foi incorporada ao Patrimônio Histórico da Cidade de São Paulo (RICCOMINI, 1992).

O subdistrito de Parelheiros em seu conjunto abrange 35.000 hectares (24% do território do município). Está entre as subprefeituras e distritos do município de São Paulo com as maiores taxas de crescimento populacional anual, 6,0%, equiparando-se a Cidade Tiradentes, com 6,9%, e Perus, com 6,4%. Apresentava uma população de 130.587 habitantes (censo de 2004) e elevada concentração de população jovem com menos de 25 anos (52%). Apresenta uma taxa média de mortalidade da população adulta por 100 mil habitantes na ordem de 215,2, o dobro da cidade de São Paulo, um dos indicadores da precariedade das condições de vida na região.

O processo de ocupação da Cratera da Colônia é resultado de um movimento popular organizado pela UNIFAG – União das Favelas da Microrregião do Grajaú. Trata-se de um loteamento organizado, em que a UNIFAG formou uma associação e adquiriu, no ano de 1988, uma gleba com cerca de 3000 hectares de mata e demarcou 5.413 lotes de 250m². Isso ocorreu após continuadas solicitações dos moradores da favela do Grajaú junto à prefeitura e ao governo do estado solicitando a construção de casas em mutirão. Dado o descaso do poder público, os moradores se organizaram, compraram uma gleba e organizaram um condomínio. Segundo Tranquilo Morsele, que participou da formação do bairro Vargem Grande e de sua organização com a União das Favelas do Grajaú, 200 moradores se cotizaram, procuraram o Estado e a Prefeitura para encontrar uma forma legal de ocupar a gleba. Durante todo o ano de 1989 buscaram os órgãos públicos e estes negaram autorização alegando que a Região de Capela do Socorro até Parelheiros, pela lei de 1966, só poderia ter chácaras, sítios, clubes e áreas de lazer. Essa lei foi desobedecida e mais de um milhão e meio de pessoas ocuparam as terras da região.

Em 1987, um casal de alemães, Rinsberg, vendeu uma fazenda à União das Favelas do Grajaú (Unifag). Três mil famílias vindas de bairros e favelas do sul paulistano, principalmente do bairro de Grajaú, compraram lotes de 250 metros quadrados, vendidos

parcelados em trinta meses. Foram vendidos vários terrenos para um só dono.
(Entrevista de agente da ACHAVE)

No caso de Vargem Grande, com a intermediação da Unifag, foi contratada uma empresa que fez a marcação topográfica, a locação das ruas, quadras e lotes, respeitando as determinações da lei de 1979 que determinava o tamanho dos lotes, largura de ruas e de áreas institucionais. Em 1990, 2700 famílias ocuparam seus lotes. A partir da ocupação, foi criada uma associação – Associação Comunitária Habitacional Vargem Grande – ACHAVE – que se encarregou de realizar vários melhoramentos: em 1992 foi instalada a rede elétrica, em 1995 a coleta do lixo, em 1998 foi construído um posto policial, em 2001 foi construída uma escola ligada à rede municipal, em 2000 a rede de água, em 2007, a rede de esgoto, atualmente em fase de conclusão. Ainda segundo o Sr. Morsele, a estratégia utilizada para conquistar melhoramentos urbanos “foi ocupar, adensar e se mobilizar. Nenhum lote podia ficar vazio já que o empreendimento fora feito para morar e para quem estava pedindo socorro”.

Esse movimento em Vargem Grande deu-se num momento de ocupação de diversas áreas periféricas na cidade de São Paulo, num contexto de redemocratização política e continuadas crises econômicas. O diferencial com relação a outras ocupações está em seu caráter de condomínio planejado e discutido com os ocupantes e a compra da gleba, embora considerada ilegal pela prefeitura por estar em área de conservação ambiental.

Hoje a população valoriza o bairro, como se pode ver pelo depoimento a seguir:

Bem, nós continuamos Vargem Grande porque não temos dinheiro pra poder comprar outro lugar. Só que com tempo nós fomos mudando Vargem Grande, algumas pessoas foram mudando a cara de Vargem Grande. Nós conseguimos construir uma escola municipal, nós fizemos, tanto é que eu sempre digo assim, eu chego na escola e falo assim, olha aqui tem 700 blocos meu, e outro tá com 500. Porque na época eu tinha comprado, comprei minha casa e na mesma época a gente doou. Nós fazíamos mutirão para fazer a escola. O terreno é, quando a gente tinha comprado o terreno, tinha comprado uma gleba, que é posto de saúde, é pra escola, pro parque. Então, tudo isso que tem lá, campo de futebol, tudo isso tem lá, fomos nós, está dentro da gleba que nós compramos dentro da minha casa. E Vargem Grande foi mudando, foi construindo escola. (entrevista, 2011).

Hoje esse bairro possui aproximadamente 50 mil habitantes e 6 mil moradias. Entretanto, os problemas de infraestrutura e abastecimento ainda persistem.

“Hoje o bairro tem 5.413 lotes com 250 metros, 1.642 lotes divididos e 482 lotes vazios, num total de 2.932.100m², com aproximadamente uma população de 40 mil pessoas”. (Entrevista de agente da ACHAVE, 2011).

Em Vargem Grande também está localizado o Centro de Detenção Provisória, que abriga 1.500 presos. Foi fundado em 1989, no governo Quêrcia, e está subordinado à Secretaria de Administração Penitenciária. Na estrutura da Secretaria ela é uma Penitenciária de trânsito carcerário, isto é, recebe presos encaminhados pelas delegacias da região que estão esperando julgamento. Esse prazo pode durar até seis meses. Tem 265 funcionários e congrega uma população carcerária de 1500 presos. Segundo o Diretor do Presídio, a organização promove palestras sobre saúde, alcoolismo/drogas, paisagismo e também oferece programa de capacitação para 150 presos que participam de cursos de teatro, inglês, espanhol, alfabetização e cursos profissionalizantes.

Vargem Grande vive a encruzilhada de sua história. Por ter crescido demais, o condomínio original está “congelado”, não pode mais abrigar construções – algo impossível de fiscalizar. O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, Condephaat, ligada ao Estado, tombou a cratera, o que dificulta a edificação de obras sociais. O bairro não está regularizado porque a escritura original permanece em poder da Unifag, desbravadora da área, cujo grupo foi substituído pelo da Achave. As trilhas mata adentro, que poderiam ser abertas ao turismo, estão “lacradas” porque a cratera vive sob a Área de Proteção Ambiental Capivari-Monos bacía que pode vir a abastecer São Paulo. (BRESSANE, 2010).

Atualmente a Subprefeitura de Parelheiros possui um plano de urbanização do local onde serão desapropriadas por volta de 850 moradias localizadas em áreas de manancial.

A seguir, será apresentada a caracterização do perfil dos empreendedores e atividades de comércio e prestação de serviços locais.

A CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS EMPREENDEDORES E EMPREENDIMENTOS

I PERFIL DOS EMPREENDEDORES

A análise do perfil dos 80 empreendedores indicou que os homens são maioria e encontram-se majoritariamente na faixa de 30 a 49 anos o que pode indicar uma saída, pelo desemprego do mercado formal de trabalho ou mesmo o fato de nunca ter entrado e a faixa etária inviabilizou tentativas, como se observa nas próximas tabelas e gráficos. Por outro lado, as mulheres empreendedoras estão igualmente representadas nas faixas etárias de vinte a vinte e nove anos e trinta a trinta e nove anos, como se verifica na Tabela 3, na página seguinte.

Tabela 3
Perfil dos empreendedores

		Gênero		Total
		Masculino	Feminino	
Faixa etária		2,3%		1,4%
	20 a 29 anos	15,9%	40,0%	25,7%
	30 a 39 anos	54,5%	43,3%	50,0%
	40 a 49 anos	18,2%	10,0%	14,9%
	50 a 59 anos	9,1%	6,7%	8,1%
Grau de escolaridade	1º grau incompleto	14,0%	6,5%	10,8%
	1º grau completo	18,6%	12,9%	16,2%
	2º grau completo	58,1%	80,6%	67,6%
	Superior	9,3%		5,4%
Estado civil				
	Solteiro	19,6%	22,6%	20,8%
	Casado	69,6%	58,1%	64,9%
	Viúvo	2,2%		1,3%
	Outros	8,6%	19,4%	13,0%
Região de nascimento	Estado de São Paulo	46,5%	34,5%	41,7%
	Sudeste	4,7%		2,8%
	Norte	2,3%	3,4%	2,8%
	Nordeste	46,5%	62,1%	52,8%

ESTADO CIVIL

A distribuição do estado civil pela faixa etária indica que a maioria, 51, são casados, situação que acompanha a faixa etária predominante de 30 a 39 anos.

GRAU DE ESCOLARIDADE

A escolaridade aponta para uma maioria tendo segundo grau completo, isto é, 58,1% dos homens e 80% das mulheres como se observa na tabela 4. Isso não altera a característica apontada pela OIT da qualificação obtida fora da escolarização regular, uma vez que o ensino médio não implica profissionalização.

REGIÃO DE NASCIMENTO

Os empreendedores são migrantes, majoritariamente do nordeste como ocorre em toda periferia da cidade de São Paulo e região metropolitana.

Nota-se, entretanto a forte presença daqueles que iniciaram o bairro, no processo inicial de ocupação o que demonstra uma relativa estabilidade e permanência dos moradores de acordo com a tabela 4, a seguir:

Tabela 4
Tempo de residência em Vargem Grande

Tempo de residência	Frequência	%
menos de 5 anos	1	1,3
5 a 9 anos	44	55,0
10 a 14 anos	31	38,8
Total	76	95,0
s/resp.	4	5,0
Total	80	100,0

Empreendimentos Comerciais e Prestação de Serviços

Os empreendimentos são o que a literatura econômica e sociológica chama de empreendedorismo por necessidade, ou seja, as limitações à inserção no mercado de trabalho levam as pessoas a buscar uma ocupação. Mais que a busca por oportunidade ou inovação é a necessidade o que leva as pessoas a abrir um negócio qualquer para obter alguma renda e subsistir. Tanto é que a maioria desses empreendimentos é informal e de baixo retorno, exigindo trabalho intensivo do “empreendedor” que geralmente utiliza mão-de-obra familiar não paga para reduzir custos. Segundo a OIT, o setor informal seria caracterizado por: a) propriedade familiar do empreendimento, (b) recursos próprios, (c) produção em pequena escala, (d) facilidade de ingresso, (e) uso intensivo do fator trabalho e de baixa tecnologia, (f) qualificação profissional com base na experiência, à parte do sistema escolar regular de ensino e (g) a participação em mercados competitivos, não necessariamente regulamentados pelo Estado (OIT, 1972 apud CACCIAMALI, 2002).

A classificação dos empreendimentos por ramo de atividade indicou que as atividades principais se relacionam à alimentação, com 22,5 % dos estabelecimentos pesquisados.

Tabela 5
Ramo de atividade

	Frequência	%
Alimentação	18	22,5
Armarinho	10	12,5
vestuário/calçados	9	11,3
serviços pessoais	10	12,5
serviços eletroeletrônicos	4	5,0
materiais para construção	10	12,5
drogaria/perfumaria	10	12,5
Outros	9	11,3
Total	80	100,0

Entre os oitenta empreendimentos estudados, 53% são informais, como se pode observar na próxima tabela.

Tabela 6
Tipo de empreendimento

	Frequência	%
Empresa	30	39,0
Associação	1	1,3
Informal	41	53,2
Outros	5	6,5
Total	77	100,0
sem resposta	3	
Total Geral	80	

O cruzamento do ramo de atividade por tipo de empreendimento indica que a informalidade predomina nos setores de alimentação, armarinho, serviços pessoais e serviços eletro-domésticos. No setor de vestuário e calçados existe um equilíbrio entre os empreendimentos formais e informais. Somente no setor de materiais para construção e drogaria/ perfumaria predominam as empresas constituídas.

Tabela 7
Ramo de atividade por tipo de empreendimento

Ramo de Atividade	Tipo de empreendimento				Total
	Empresa	Associação	Informal	Outros	
Alimentação	6	0	9	2	17
	35,3%	0%	52,9%	11,8%	100,0 %
Armarinho	2	1	7	0	10
	20,0%	10,0%	70,0%	0%	100,0%
vestuários/ calçados	4	0	4	0	8
	50,0%	,0%	50,0%	,0%	100,0%
serviços pessoais	1	0	8	1	10
	10,0%	,0%	80,0%	10,0%	100,0%
serviços eletroeletrônicos	0	0	3	0	3
	,0%	,0%	100,0%	,0%	100,0%
materiais para construção	8	0	2	0	10
	80,0%	,0%	20,0%	,0%	100,0%
drogaria/ perfumaria	6	0	3	1	10
	60,0%	,0%	30,0%	10,0%	100,0%
Outros	3	0	5	1	9
	33,3%	,0%	55,6%	11,1%	100,0%
Total	30	1	41	5	77
	39,0%	1,3%	53,2%	6,5%	100%

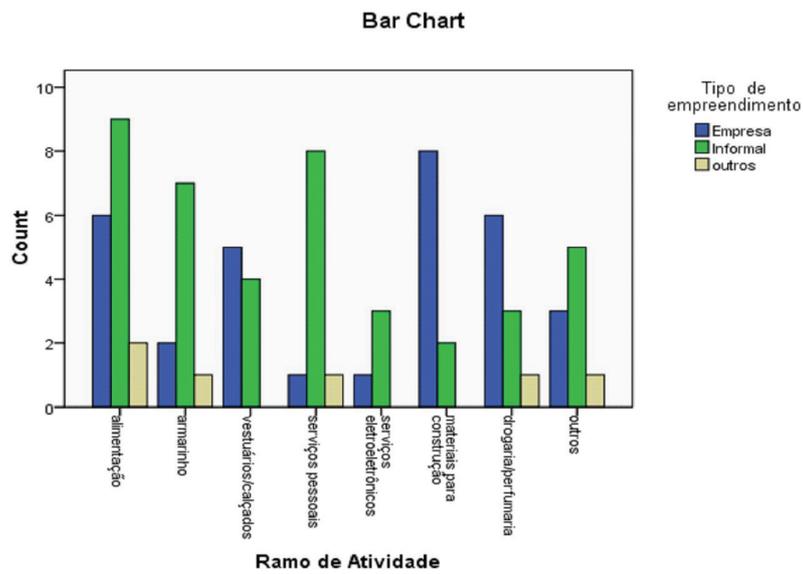


Gráfico 1 – Ramo de atividade por tipo de empreendimento

Com relação à data de criação do empreendimento, a maioria (52.9%) foi criada há menos de cinco anos como se observa na próxima tabela.

Tabela 8
Ramo de atividade por data de fundação do empreendimento

Ramo de atividade	Data de Fundação do empreendimento					Total
	menos- de 5 anos	5 a 9 anos	10 -14 anos	15-20 anos	mais de 20	
alimentação	10	4	2	0	0	16
	63%	25%	13%	0%	0%	100%
armarinho	7	2	0	0	0	9
	78%	22%	0%	0%	0%	100%
vestuários/calçados	6	1	1	0	0	8
	75%	13%	13%	0%	0%	100%
serviços pessoais	3	6	1	0	0	10
	30%	60%	10%	0%	0%	100%
serviços eletroeletrônicos	1	2	0	0	1	4
	25%	50%	0%	0%	25%	100%
materiais para construção	3	3	1	1	0	8
	38%	38%	13%	13%	0%	100%
drogaria/perfumaria	5	0	2	0	0	7
	71%	0%	29%	0%	0%	100%
Outros	2	3	1	1	1	8
	25%	38%	13%	13%	13%	100%
Total	37	21	8	2	2	70
	53%	30%	11%	3%	3%	100%

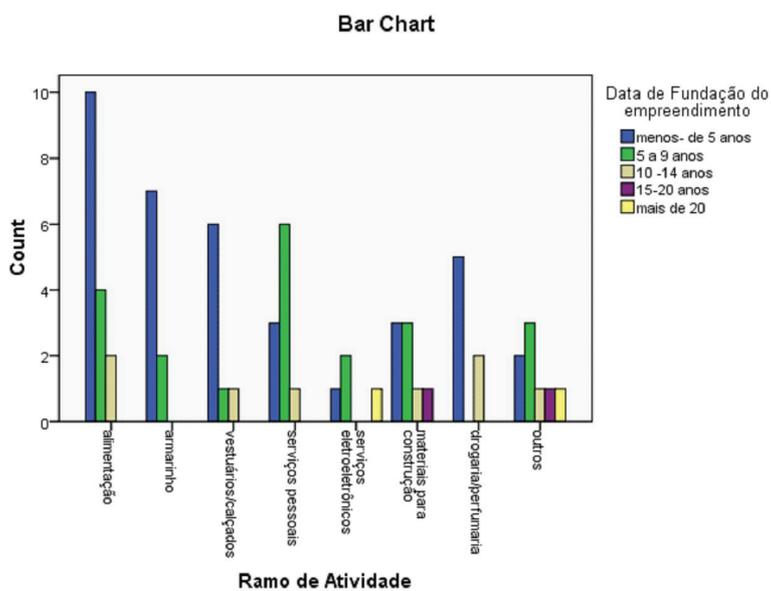


Gráfico 2 – Ramo de atividade por data de fundação do empreendimento

Na tabela a seguir, as características do empreendimento por “necessidade” aparecem no número de sócios do empreendimento, a maioria com um ou dois sócios.

Tabela 9
Ramo de atividade por número de sócios

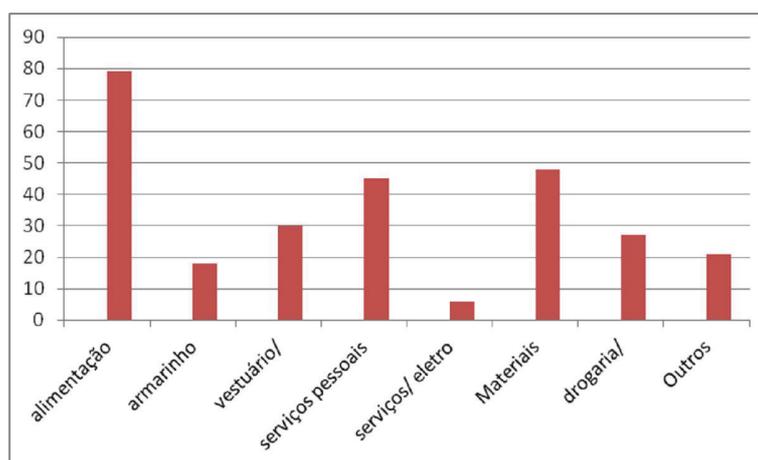
Ramo de atividade	N° sócios total				Total
	zero	um	dois	quatro	
Alimentação	0	3	14	1	18
	0%	17%	78%	6%	100%
Armarinho	1	7	2	0	10
	10%	70%	20%	0%	100%
vestuários/calçados	0	6	3	0	9
	0%	67%	33%	0%	100%
serviços pessoais	0	6	3	1	10
	0%	60%	30%	10%	100%
serviços eletroeletrônicos	0	3	1	0	4
	0%	75%	25%	0%	100%
Materiais para construção	0	3	7	0	10
	0%	30%	70%	0%	100%
drogaria/perfumaria	0	6	4	0	10
	0%	60%	40%	0%	100%
Outros	0	3	6	0	9
	0,00%	33,30%	66,70%	0,00%	100,00%
Total	1	37	40	2	80
	1,30%	46,30%	50,00%	2,50%	100,00%

Na tabela a seguir, as características do empreendimento por “necessidade” aparecem também no número de trabalhadores por empreendimento.

Tabela 10
Empregados por empreendimento

Ramo de Atividade	Empregados por empreendimento							
	zero	um	dois	três	quatro	cinco	sete	mais de sete
alimentação	8	2	5	1	1	0	0	1
	44%	11%	28%	6%	6%	0%	0%	6%
armarinho	4	5	1	0	0	0	0	0
	40%	50%	10%	0%	0%	0%	0%	0%
vestuários/calçados	1	4	1	1	1	1	0	0
	11%	44%	11%	11%	11%	11%	0%	0%
serviços pessoais	2	4	2	1	1	0	0	0
	20%	40%	20%	10%	10%	0%	0%	0%
serviços eletroeletrônicos	3	1	0	0	0	0	0	0
	75%	25%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
materiais para construção	2	1	1	2	2	0	2	0
	20%	10%	10%	20%	20%	0%	20%	0%
drogaria/perfumaria	1	5	4	0	0	0	0	0
	10%	50%	40%	0%	0%	0%	0%	0%
outros	5	2	2	0	0	0	0	0
	56%	22%	22%	0%	0%	0%	0%	0%
Total	26	24	16	5	5	1	2	1
	33%	30%	20%	6%	6%	1%	3%	1%

O total de trabalhadores (sócios e empregados) somam 274 pessoas distribuídas pelos oitenta empreendimentos pesquisados como é apresentado na tabela e gráfico a seguir.



No tipo de instalação essa precariedade do “por necessidade” aparece na maioria das instalações que são alugadas. 68% são instalações alugadas, 30% instalações próprias e 2% instalações cedidas.

USO DE TECNOLOGIA

Aqui vale destacar que os critérios de precariedade e de baixo acesso tecnológico devem ser relativizados em função da generalização e barateamento do uso de algumas tecnologias. Assim, o uso de cartões de crédito, embora não seja majoritário, aparece em mais da metade dos que responderam. 42% trabalham com cartões de crédito, 37% não trabalham e 38% não responderam. O mesmo acontece com o uso de computadores que, embora seja menor (30%), indica uma presença crescente. Quanto ao uso da internet, 26% responderam que usam regularmente.

Conclusões

A análise da pesquisa junto aos empreendimentos de Vargem Grande indica dimensões importantes a serem consideradas quando se pensa em geração de emprego e renda e sustentabilidade local. Com relação aos empreendimentos pesquisados observa-se que:

- A totalidade dos empreendimentos enquadra-se na classificação de atividade econômica comercial e serviços. A classificação dos 80 empreendimentos por ramos de atividades indicou que 22,5% dos estabelecimentos pesquisados se relacionam ao setor de alimentação.

Empreendedorismo por necessidade

Os empreendimentos são o que a literatura econômica e sociológica chama

de **empreendedorismo por necessidade**, ou seja, as limitações à inserção no mercado de trabalho levam as pessoas a buscarem uma ocupação para obter alguma renda e subsistir. Predominam **organizações informais** não regularizadas em relação às empresas com CPMF, indicando uma precariedade da maioria dos empreendimentos instalados. A maioria, 52,9%, foi criada há menos de cinco anos, o que indica instabilidade e baixa probabilidade de consolidação e sobrevivência no longo prazo, situação comum às micro e pequenas empresas;

- **Emprego de mão de obra:** A maioria dos empreendimentos ocupa até seis empregados e utiliza **mão-de-obra familiar não paga** para reduzir custos.
- **Infraestrutura:** as dimensões reduzidas dos empreendimentos e seu caráter muitas vezes improvisado fazem que estejam instalados **em espaços provisórios**, geralmente em **locais cedidos por terceiros**.
- O bairro pode ser considerado como **dormitório**, com sua população trabalhando fora do bairro, haja vista que os empreendimentos locais não são suficientes para gerar empregos locais.
- A **baixa qualificação dos moradores**, indicada pelo **tipo de ocupação**, aparece na **alta taxa de desemprego local**, principalmente da população masculina, visível no dia a dia pelos contingentes de desocupados que circulam no bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi possível indicar propostas de empreendimentos que possibilitem um desenvolvimento local sustentável ou que ocupem a mão local. Considerando o fato de Vargem Grande se constituir em bairro dormitório com moradores de baixa renda e qualificação, isso se reflete nos tipos de empreendimentos existentes, indicando limites a atividades econômicas mais dinâmicas.

Por outro lado, o crescimento econômico da última década e o avanço das políticas sociais distributivas requerem atividades sustentáveis para garantir empreendimentos com viabilidade econômica paulatinamente desvinculada de políticas estatais. O sucesso dos empreendimentos, mesmo que apoiados por políticas voltadas a empreendimentos solidários, os torna empreendedores individuais e mesmo empresas, vinculadas ao mercado e sem necessariamente uma vinculação com o social ou com formas de solidarismo. Cooperativas e tipos de empreendimentos coletivos autogeridos, podem ser um ponto de partida, mas tendem a enfrentar sérios problemas de sobrevivência se, junto com essas propostas, não vierem outras vinculadas efetivamente ao mercado que garantam sustentabilidade e mudanças culturais na direção de maior envolvimento da comunidade nos empreendimentos.

Essas questões colocam em dúvida as possibilidades de desenvolvimento de cooperativas autogeridas nos locais onde estão sendo implantados os empreendimentos do “Olhar Local”. Pesquisas recentes têm demonstrado que experiências de economia solidária em empreendimentos dos setores econômicos caracteristicamente de baixa renda, como costura, alimentação e

mesmo reciclagem, se caracterizam por baixos rendimentos recebidos pelos sócios(as), que na maioria dos casos são inferiores ao salário mínimo. Isso é agravado pelo fato de os trabalhadores não terem acesso aos benefícios padrão da CLT. Essas constatações indicam as dificuldades existentes para que trabalhadoras e trabalhadores se fixem nesses empreendimentos, ocasionando, conseqüentemente, instabilidade e dificuldade de consolidação e sobrevivência no longo prazo. Os valores de solidariedade difundidos pelos órgãos incubadores permanecem sendo o maior desafio, pois implicam mudanças culturais de longo prazo. Além disso, a dinâmica capitalista, como afirmado anteriormente, tende rapidamente a incorporar os empreendimentos exitosos.

Com base no exposto anteriormente, entende-se que a metodologia para a instalação de iniciativas de desenvolvimento local terá maiores condições de sucesso se for associada a um trabalho expressivo de capacitação da população local com o oferecimento de cursos profissionais para jovens e adultos.

Torna-se necessária a realização de parcerias com universidades e entidades com expertise que possam transferir tecnologia e estimular atividades inovadoras nos empreendimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Rosângela Nair de Carvalho. *Economia solidária como política pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação*. São Paulo: Cortez, 2007.
- DAGNINO, E. "Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania". In: _____. (Org.). *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DAGNINO, E. "Sociedade civil, espaços públicos e a construção democrática no Brasil: limites e possibilidades". In: _____. (Org.). *Sociedade civil e espaços públicos no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DOIMO, A. M. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Anpocs, 1995.
- FELTRAN, G. S. *Desvelar a política na periferia: histórias de movimentos sociais em São Paulo*. São Paulo: Humanitas/ Fapesp, 2005.
- LAVILLE, Jean- Louis; FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. *Economia Solidária: Uma Abordagem Internacional*. Editora UFRGS: 2004.
- MARQUES, E.; TORRES, H. (Orgs.). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005.
- NUNES, Débora. *Incubação de empreendimentos de economia solidária: uma aplicação da pedagogia da participação*. São Paulo: Annablumen, 2009.
- PAOLI, M. C. "Movimentos sociais no Brasil: em busca de um estatuto político". In: HELLMANN, M. (Org.). *Movimentos sociais e democracia no Brasil*. São Paulo: Marco Zero/Idesfes, 1995.
- SINGER, Paul. *Economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

SADER, E. S. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TELLES, V.; CABANES, R. (Orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas/IRD, 2006.

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/parceiros> (acesso em 16/07/2011).